



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E
ESCRITA DE UMA PROFESSORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

NATHALIA RODRIGUES ARAÚJO

CAMPINA GRANDE – PB

2019

NATHALIA RODRIGUES ARAÚJO

**REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E
ESCRITA DE UMA PROFESSORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB -, Campus I, como requisito para obtenção do título de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof.^a Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

CAMPINA GRANDE – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663r Araújo, Nathalia Rodrigues.

Reflexões sobre dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita de uma professora no processo de alfabetização [manuscrito] / Nathalia Rodrigues Araujo. - 2019.

35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Dificuldade de Aprendizagem . 2. Leitura. 3. Escrita . 4. Alfabetização . I. Título

21. ed. CDD 372.6

NATHALIA RODRIGUES ARAÚJO

**REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E
ESCRITA DE UMA PROFESSORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus I, como requisito para obtenção do título de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 10/06/2019

NOTA: 9.0

BANCA EXAMINADORA

Maria do Socorro Moura Montenegro
Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Cristina Sales Cruz
Profa. Ms. Cristina Cruz Sales

Valdecy Margarida da Silva
Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1. O(A) SIGNIFICADO DO(A) PROFESSOR(A) PESQUISADOR(A) DE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA	07
2. CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO.....	12
3. ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA	14
4. METODOLOGIA E ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA DE UMA PROFESSORA.....	17
4.1 Método de pesquisa	17
4.2 Análise dos resultados.	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
APÊNDICE A	30

REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA DE UMA PROFESSORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

¹ ARAÚJO, Nathália Rodrigues

RESUMO

O presente artigo traz uma concisa reflexão histórica acerca da origem da escrita e das primeiras sociedades letradas; diferentes perspectivas de alfabetização; compreensão conceitual acerca das dificuldades e dos distúrbios de aprendizagem no contexto de sala de aula que, em algumas situações, acaba confundindo com as especificidades das dificuldades de leitura e de escrita. E, ao mesmo tempo abordará a importância do professor, que pode se tornar pesquisador de sua própria prática. Desta forma, o presente artigo, tem como objetivo geral compreender de que forma uma professora do primeiro ano do ensino fundamental se refere às dificuldades de aprendizagem de leitura e de escrita no processo de alfabetização. Tendo como objetivos específicos desenvolver reflexões voltadas a práxis da professora no que tange à alfabetização; buscar alternativas para minimizar dificuldades constatadas com a professora. Sobre leitura e escrita, em Soares (2003); sobre aprendizagem, em Vygotsky (1988), sobre dificuldades e distúrbios de aprendizagem, em Rasia (2017) e outros para dialogar com esse estudo. A metodologia desse estudo está centrada numa pesquisa qualitativa, com uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental, da rede municipal de ensino no município de Puxinanã, interior da Paraíba. Após a coleta dos dados, a partir da entrevista estruturada e das observações em sala de aula pela pesquisadora, foi possível compreender a professora no que se refere às dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem; Leitura; Escrita; Alfabetização.

ABSTRACT

The present article brings a concise historical reflection on the origin of writing and the first learned societies; different perspectives of literacy; conceptual understanding about difficulties and learning disorders in the context of the classroom that, in some situations, ends up confusing with the specificities of reading and writing difficulties. And at the same time he will address the importance of the teacher, who can become a researcher of his own practice. In this way, this article aims to understand how a teacher of the first year of elementary school refers to the difficulties of reading and writing in the literacy process. Having as specific objectives to develop reflections focused on the praxis of the teacher with regard to literacy; seek alternatives to minimize difficulties encountered with the teacher. About reading and writing, in Soares (2003); on learning, in Vygotsky (1988), on difficulties and learning disorders, in Rasia (2017) and others to dialogue with this study. The methodology of this study is centered in a qualitative research, with a teacher of the first year of primary education, of the municipal education network in the municipality of Puxinanã, interior of Paraíba. After the data collection, from the structured interview and the observations in the classroom by the researcher, it was possible to understand the teacher regarding the learning difficulties in the literacy process.

Palavras-chave: Difficulty of learning; Reading; Writing; Literacy.

INTRODUÇÃO

A origem da língua escrita tem datação no século XIII a.C, pelos povos Fenícios, entretanto, segundo Tfouni (2010; apud Marques, 2017), as primeiras sociedades letradas nasceram entre os séculos V e VI a.C. e, concomitante a isto, o aparecimento do pensamento lógico-empírico e filosófico na Grécia. Desta forma, podemos apontar o desenvolvimento da linguagem escrita relacionado a padrões de desenvolvimento da escrita da norma padrão, assim como, aos processos de libertação do pensamento e de conceitos dentro dos campos políticos, sociais, econômicos, culturais etc.

Em nosso país, quando se trata de alfabetizar, muito se fala dos índices de analfabetismo e, de fato, estes sempre foram problemáticas discutidas nas pesquisas sobre alfabetização no Brasil. E, por muitas vezes sendo considerado um dos principais motivos para justificativa do subdesenvolvimento e “atraso” social (CAVALCANTE, s.d). Índices de analfabetismos esse que se relacionam à questão do insucesso escolar, que é tido como sendo oriundo das dificuldades de aprendizagem de leitura, o que conseqüentemente influencia na escrita. Portanto, a preocupação que surge é: qual é a compressão dos professores alfabetizadores sobre as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização?

De acordo com Silva (2017) não se dá continuidade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ao processo de aprendizagem da leitura e escrita, atribuindo, em primeiro lugar, ao aluno à culpa de seu fracasso escolar e em segundo lugar, ao professor. E, ao nosso ver, o que facilitará o desenvolvimento integral do aluno é uma proposta de ensino de leitura e escrita pautada em fazer com que o aluno se aproprie do código escrito e, ao mesmo tempo, fazer com que a leitura desperte o senso crítico do aluno, o que irá contribuir positivamente para a formação cidadã do aluno.

Entre as inúmeras concepções de leitura, compreendemos também que a leitura é um meio de apreensão e difusão do conhecimento. Dominando-a, o homem adquire outros olhares para ver e perceber o mundo, além de desenvolver sua criticidade, comunicar-se melhor e construir seu protagonismo na sociedade, tornar-se ator social da sua própria vida.

Como sabemos que a leitura e a escrita é o foco da alfabetização, Maciel (2008; *apud* Cavalcante s.d;) alerta para o fato de que se faz necessário que os alfabetizadores reconheçam a importância de se estudar os processos de alfabetização e letramento imerso em contextos de políticas públicas, realidade socioeconômicas e culturais de escolarização.

Por isso precisamos compreender melhor esse processos de alfabetização, a partir da compreensão de que a alfabetização é considerada uma etapa de extrema importância para a vida escolar e social do sujeito. Até o século XIX, o termo alfabetização esteve relacionado a práticas de instrução¹, ou seja, ao professor caberia a responsabilidade de desenvolver em seus alunos determinadas habilidades pré-estabelecidas (Maciel, 2008; apud Cavalcante).

Tanto é que à luz de Soares (2009; apud Cavalcante), alfabetização é a ação de alfabetizar, tornar-se alfabeto. Ensinar a ler e o escrever é tornar o sujeito capaz de realizar a aquisição do código da escrita e da leitura. Considerando que a aprendizagem da leitura e da escrita depende de duas portas de entrada, distintas, mas indissociáveis e que necessitam ser trabalhadas ao mesmo tempo: *alfabetização* e *letramento*. Segundo Soares (2004, p. 15 - 17), não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la, já que para se conseguir a aquisição da leitura e escrita:

[...] se faz necessário o domínio de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas; a criança perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita (palavras, sílabas, letras).

Partindo dessa Premissa, o processo do alfabetizar e letrar possibilita um leque de questionamentos acerca da temática, principalmente no presente contexto brasileiro, em que se tornam perceptíveis os desafios enfrentados pelos professores, no que tange as dificuldades de aprendizagem no processo de leitura e escrita, uma temática muito discutida, mas nunca minimizada.

Segundo Regina Leite Garcia (2015, contracapa), em seu livro: *A Formação da Professora Alfabetizadora – reflexões sobre a prática*, a autora nos diz que:

Num primeiro momento em que é computado às professoras o fracasso da escola básica, por considerar serem as professoras despreparadas e incapazes de ajudar as crianças a aprender, nos parece oportuno apresentar o depoimento de um grupo que discorda de tal avaliação. O grupo de pesquisa coordenado por Regina Leite Garcia vem atuando junto às professoras alfabetizadoras, numa perspectiva oposta à desqualificação do magistério. Partem da convicção de uma capacidade e compromisso das professoras, apesar e de todos. Se não, por que continuariam no magistério recebendo salários imorais, sujeitos a péssimas condições de trabalho e desacreditadas socialmente?

¹ À ação de instruir (ensinar, doutrinar, comunicar/transmitir conhecimentos, dar a conhecer o estado de algo). (Dicionário Aurélio, 2001).

Nesse sentido, essa autora trata de desconstruir a ideia de que a questão do insucesso e do fracasso pode estar relacionada às dificuldades de aprendizagem dos alunos, basta que a escola abandone a ideia da desqualificação de seus pares, quando há diversos fatores que podem contribuir para que a aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização não obtenha o que a escola almeja.

Portanto, o trabalho tem por objetivo geral compreender de que forma uma professora do primeiro ano do ensino fundamental se refere às dificuldades de aprendizagem de leitura e de escrita no processo de alfabetização. Tendo como objetivos específicos: desenvolver reflexões voltadas a práxis da professora no que tange à alfabetização; buscar alternativas para minimizar dificuldades constatadas com a professora.

A metodologia desse estudo está centrada numa pesquisa qualitativa, com uma professora do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, da rede municipal de ensino no município de Puxinanã, interior da Paraíba. Após a coleta dos dados, a partir da entrevista estruturada e das observações em sala de aula pela pesquisadora, foi possível compreender a professora no que se refere às dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização.

Para isso, esse trabalho está estruturado da seguinte forma: 1. O(A) Significado Do(A) Professor(A) Pesquisador(A) De Sua Prática Pedagógica O (A); 2. Conceitos de alfabetização; 3. Aspectos Conceituais Sobre Dificuldade de Aprendizagem No Processo de Aquisição da Leitura e da Escrita 4. Metodologia e Análise das Dificuldades de Aprendizagem de Leitura e Escrita de Uma Professora. E, por último, as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. O(A) SIGNIFICADO DO(A) PROFESSOR(A) PESQUISADOR(A) DE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Consideramos de suma importância focalizar nesse estudo, que tem como objetivo geral compreender de que forma uma professora do primeiro ano do ensino fundamental se refere às dificuldades de aprendizagem de leitura e de escrita no processo de alfabetização, trazer à tona, o(a) significado do(a) professor(a) pesquisador(a) de sua prática pedagógica, por intermédio de Regina Leite Garcia (2015), no seu livro: *A Formação da Professora Alfabetizadora – reflexões sobre a prática*.

Segundo essa autora,

No processo de transformação da professora alfabetizadora em professora pesquisadora estabelece-se um movimento prática-teoria-prática como critério de verdade. É no cotidiano da sala de aula que a teoria é validada, iluminando a prática e fazendo-a avançar, confirmando-se ou sendo negada pelas evidências empíricas, o que desafia à construção de novas explicações. Daí que as discussões teóricas são todo o tempo reportadas à prática alfabetizadora trazida pelas professoras, num processo que visa à recuperação da unidade teoria e prática (GARCIA, 2015, p. 19).

Não se trata de deixar de lado a prática alfabetizadora que, no seu interior, precisa que o(a) professor(a), seja alfabetizador(a) ou não, torne-se um(a) professor(a) pesquisador(a), mesmo que, como já foi dito anteriormente, o objetivo desse trabalho seja o de compreender de que forma uma professora do primeiro ano do ensino fundamental se refere às dificuldades de aprendizagem de leitura e de escrita no processo de alfabetização. Precisamos recuperar a unidade teoria e prática

Há, também, outras reflexões em Pereira (2003); Rausch (2012) e Fagundes (2016), que vem nos dizer que é possível compreender que o cenário educacional atual vem sofrendo uma grande transformação nos processos de ensino-aprendizagem, com reflexos na prática pedagógica do educador. Portanto, logo surgem questionamentos, que nos encaminham a uma reflexão: Professor e Pesquisador são profissões distintas? Ou estão interligadas? Hipoteticamente, são profissões opostas, em que na primeira, podemos deduzir que o professor assume o papel de lecionar e/ou transmitir conhecimentos para o sujeito, o que requer uma qualificação acadêmica e uma formação continuada. Já o pesquisador tem como função está em constantes indagações a respeito de sua prática, de modo que, certamente, o pesquisador é um sujeito atento, ele está sempre se questionando e revendo a sua própria prática, a partir das conversas informais como os nossos pares, participando de congressos, encontros, seminários e/ou outros. E, ao fazer isso, também se preocupa em coletar, analisar e avaliar os dados de sua prática para, ao ser capaz de desenvolver seu senso crítico, com base nos dados coletados sinta-se mais confiante em tentar rever a sua própria prática.

Ao trazermos a compreensão de Santos (2004), sabemos que ele afirma que [...] o professor e o pesquisador têm trajetórias profissionais distintas e, portanto, a formação desses profissionais deve estar voltada para o desenvolvimento de competências compatíveis com o exercício de cada uma dessas funções (SANTOS, 2004, p.14).

Dessa forma, acreditamos que, ambos estão interligados, no qual o professor torna-se ao longo de sua jornada profissional, um professor-pesquisador de sua própria práxis, e está submetido à constante processo de transformação e evolução na aquisição dos conhecimentos.

Ao tratar disso, não se pode negar que, apesar das diversas modalidades de ensino: anos iniciais do ensino fundamental; segunda fase do ensino fundamental; ensino médio; ensino superior e a pós-graduação, o professor deve sempre estar lendo, atualizando-se e qualificando-se, no sentido de manter-se atualizado.

Pois o que está proposto explicitamente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação–LDB (1996), no Art. 43: “a educação superior deve incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica buscando desenvolver a ciência, a tecnologia, criação e difusão da cultura”.

Almeida e Scheidt (2006), defendem a ideia de que para se tornar um professor pesquisador, o docente deve ter alguns pré-requisitos, como: ter uma visão menos rígida sobre educação, ensino, aprendizagem, alfabetização; ter consciência sobre problemas recorrentes em sala de aula; ter poder de reflexão e questionamento; ser capaz de resolver problemas; saber expressar criatividade em suas ações; proporcionar aos seus alunos meios que venham fluir a aprendizagem de maneira significativa; reconhecer e submeter-se ao constante processo de evolução; tornar-se um ser pesquisador, etc.

Fazenda (2008, *apud* MOTA, 2012) exterioriza a importância de que o professor deve ter quatro tipos diferentes de competências, caracterizadas por ele como: a) **competência intuitiva** - o professor não se contenta em executar o planejamento elaborado - ele busca sempre alternativas novas e diferenciadas para seu trabalho; b) **competência intelectual** - o professor privilegia todas as atividades que procuram desenvolver o pensamento reflexivo; c) **competência prática** onde o professor diferentemente do intuitivo, copia o que é bom, pouco cria, mas, ao selecionar, consegue “boas” cópias, alcança resultados de qualidade e c) **competência emocional** – o professor trabalha o conhecimento sempre com base no autoconhecimento. Expõe suas ideias por meio do sentimento, provocando uma sintonia mais imediata.

Nesse sentido, é pertinente tecer comentários a respeito dessas competências, por compreender que, provavelmente, os professores apliquem senão todas, algumas dela em sua sala de aula, sabendo, também, que o conhecimento é amplo e é por essa razão que o(a) professor(a), muitas vezes, quando não detém esses conhecimentos fica impedido(a) de desenvolver um trabalho no qual se sinta mais confiante porque não há como abranger conhecimentos dos quais ele não tem, naquele momento.

Aproveitamos para trazer Freire, (1996, p. 43) para nos dizer que: "É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática.", portanto, a evolução da *práxis* do professor é fundamental, já que esta *práxis* se torna contínua

e essencial na vida pessoal e profissional do mesmo, além de oferecer subsídios ao docente de entender a relação com seus pares, contexto educacional e social.

É nessa direção que, a nosso ver, o professor deve se tornar um professor reflexivo, no sentido de que possa ser capaz de enxergar o seu ser-fazer pedagógico, de maneira crítica. Portanto, para que o professor possa enxergar esse seu ser-fazer pedagógico precisa repensar, considerando que se constitui como sendo um grande desafio na carreira profissional do professor, exigindo, assim, um encadeamento entre o educador e o aluno, no que tange à aquisição do saber científico. E um professor dito pesquisador é acima de tudo um agente socializador do conhecimento, assumindo o papel de mediador frente a uma via tripla envolvendo o saber, o aluno e a disciplina de estudo.

O professor deve ter um desenvolvimento profissional diferente do domínio de disciplinas de estudo na qual foi formado durante a carreira acadêmica e atua no âmbito profissional, sabendo-se que seus pensamentos e posições, refletem na sua prática. Agregando-se a este raciocínio Freire (1996), elenca que:

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. [...] Desse modo, deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno, o professor também está em constante aprendizado e as duas atividades se explicam e se complementam; os participantes são sujeitos e não objetos um do outro (FREIRE, 1996, p.12).

O que Freire deixa claro, é que o ato de ensinar não se baseia no fato de apresentarmos algo a alguém, como se ensinar fosse transmitir conhecimentos, até porque esse autor faz críticas severas a educação bancária². Mas, sim, buscar meios pelo qual o aluno se aproprie do conhecimento de maneira reflexiva e crítica, compreendendo o mundo em que está vivendo e sua forma de estar nesse mundo, como bem explica no livro: *Pedagogia do Oprimido* (1996), quando faz alusão à relação do opressor com o oprimido. É nessa direção que Freire nos ensina a nos tornarmos professores pesquisadores de nossas próprias práticas para que, desse modo, possamos nos aprimorarmos nossa prática pedagógica, tendo a condição de nos revermos e de repensarmos nossos fazeres pedagógicos, seja por meio de novos saberes, de novas leituras, que venha a somar, na construção do ser professor.

Trazemos, aqui, Weisz e Sanchez (2002), para afirmar que:

² A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (FREIRE, 1996, p. 57).

A visão que se tem do professor hoje é a de alguém que desenvolve uma prática complexa para a qual contribuem muitos conhecimentos de diferentes naturezas. Ele é alguém que simplesmente serviria de ligação entre o saber constituído e os alunos. Seu papel agora tende a ser exigente: precisa se tornar capaz de criar ou adaptar boas situações de aprendizagem, adequadas a seus alunos reais, cujos percursos de aprendizagem ele precisa saber reconhecer. (WEISZ; SANCHEZ, 2002, p. 118)

Segundo essas autoras, mesmo que o professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental necessite tornar-se capaz de criar “boas” situações de aprendizagem, adequado aos seus alunos, ele também tem a necessidade de uma formação continuada, pois apenas a formação inicial torna-se insuficiente para desempenhar um trabalho considerado satisfatório em sala de aula. Essa reflexão, queiramos ou não, possibilitará discussões sobre o cenário educacional vigente no Brasil, além de reflexões e estudos acerca da práxis do professor, sobretudo, no âmbito educacional; formulando objetivos educacionais e elaborando estratégias pedagógicas construtivistas, por parte do professor.

As pesquisas de Regina Leite Garcia vêm discutindo questões voltadas à formação continuada de professores e uma demanda cada vez maior de ações voltadas à formação em serviço, em redes públicas e privadas. Com isso, queremos dizer que não é pelo fato de o professor não está exercendo sua função adequadamente, mas, fazê-lo refletir e compreender o seu real papel como educador e ser passível de possíveis transformações e evolução em seu campo pessoal e profissional, adotando a perspectiva de um ensino comprometido com a educação, de modo que possa se tornar um professor-pesquisador de sua própria práxis.

Weisz e Sanchez (2002, p. 118), afirmam que “mesmo com a formação inicial que o professor recebe, não abolirá a exigência de um trabalho permanente de estudos e reflexões”. Dado que, por mais que o profissional tenha realizado o curso em uma academia conceituada, ou ter realizado estágios curriculares de boa qualidade, o conhecimento adquirido pelo mesmo não será suficiente para desempenhar um bom exercício em sala de aula, ou seja, pouco será a contribuição pra a formação prático-reflexiva do professor.

Em síntese a expressão “reflexão sobre a prática”, nos remete ao grande mestre da educação Paulo Freire, que em seu pensamento, postula que o professor deve estar em constante processo de transformação, buscando sempre rever sua prática pedagógica, a luz de uma teoria, já que a práxis é uma reflexão sobre a prática em sala de aula e buscar alternativas para minimizar a sua problemática, com relação as dificuldades de aprendizagem, tanto do professor, quanto a do aluno.

2. 2. CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO

A aprendizagem da “alfabetização” é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação. A luz, de Soares (2007), etimologicamente, o termo *Alfabetização* significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da Alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, ou seja, tornar o sujeito capaz de ler e escrever.

De acordo com Soares (2003), “a alfabetização deveria ser ensinada de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento.” O que se acredita que seja uma das principais causas da precariedade do domínio da leitura e da escrita pelos sujeitos. A autora ainda destaca, que a “prova disso, encontra-se nas avaliações nacionais”, realizadas nas instituições de ensino, em que o SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica divulga os resultados do desempenho escolar de cada instituição, e que nos últimos anos se mostrou um número ainda elevado de alunos ainda analfabetos.

Assim, como descreve Soares (2003, p.11):

[...] Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele. (SOARES, 2003, p. 11)

Ao nos referimos sobre o que a autora trata como sendo a perda da especificidade da alfabetização, é possível compreendermos que a percepção que se começa a ter, é de que, muitas vezes se confunde letramento³ com alfabetização, como está posto no discurso de Magda Soares (2003), quando a mesma deixa claro que a confusão dos termos é o que leva a “desinvenção da alfabetização”, além de outra causa dessas práticas recorrentes, é o processo dissociável entre *alfabetização* e *letramento*, recorrente na prática docente nessas últimas décadas.

De acordo com Soares (2003, p.1) “alfabetização e letramento são processos simultâneos e interdependentes”, ou seja, processos diferentes e indissociáveis. Visto que, não basta apenas que a criança tenha contato com o objeto de conhecimento, é preciso orientá-la

³ Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, condição dada ao indivíduo que se apropriou da escrita. (SOARES, 2007, p. 2)

sistematicamente e progressivamente para que a mesma se aproprie do sistema de escrita, e que isso só se efetiva atrelado ao *letramento*. Essa prática dissociável entre ambos foi manuseada por muito tempo nas instituições escolares, em que se postulava, que primeiro o aluno deveria aprender a técnica para depois aprender a usá-la, ou seja, primeiro o sujeito aprende a ler e a escrever e depois o professor mandaria ler livros ou na escola ou em casa. E a autora, faz uma crítica, em relação ao método de alfabetização presente nas antigas “cartilhas”, em que se lia – “A vaca voa; Ivo viu a uva”, e, sim, com textos, com gêneros textuais, para só assim desenvolver um processo sistemático de aprendizagem da leitura e da escrita.

Partindo dessa premissa, Diogo e Gorette (2011, p. 5-6), afirma que “o *letramento* está intimamente ligado às práticas sociais, exigindo do indivíduo, uma visão do contexto social em que vive”. Isso faz da alfabetização uma prática centrada mais na individualidade de cada um e do *letramento* uma prática mais ampla e social. Deste modo, *alfabetizar letrando*, possibilita a construção de um sujeito pensante, crítico reflexivo e transformador da sociedade, aliado ao um professor mediador, não um mero “depositador” de conhecimentos; promissor da educação bancária, e sim ir em busca de uma aprendizagem significativa e de qualidade. Como afirma Freire (1996, p.14) “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.”

Portanto, de acordo com os estudos de Hilgard e Atkinson (2002, apud RODRIGUES, 2009) e Ciasca (2006) é possível compreender o conceito de aprendizagem como sendo uma aquisição de novos conhecimentos, o que resultaria na modificação do comportamento do aprendiz. Dado que ela é abordada sob várias perspectivas, dentre as quais se encontram como principais a aprendizagem cognitiva, a biológica e a comportamental, envolvendo o desenvolvimento integral da criança, bem como: raciocínio lógico, recordação, percepção, decisão, resoluções de problemas; sendo o biológico destinado a ações comportamentais procedidas pelo corpo. Como enfatiza Ciasca (2006), o aprender é algo muito difícil, e se desenvolve de formas múltiplas envolvendo fatores diversos. A partir das discussões de diversos estudiosos acerca do tema - os conceitos de aprendizagem deixa implícito no termo *aprendizagem*, a existência de uma relação bilateral entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende, portanto acabam definindo a aprendizagem como:

[...] um processo evolutivo e constante, que implica em uma sequência de modificações observáveis e reais no comportamento do indivíduo de forma global (físico e biológico) e do meio que o rodeia

(atuante e atuado), onde esse processo se traduz pelo aparecimento de formas realmente novas (CIASCA, 2006, p. 236-238).

Inferimos que para discutirmos a temática seguinte, é necessária a compreensão do que significa o termo aprendizagem, para só assim entendermos as “dificuldades de aprendizagem” envolvendo a leitura e a escrita no processo de alfabetização; ressaltando os principais aspectos das teorias que tentam entender como se dá esse processo. Sabendo que as dificuldades de aprendizagem relacionadas à leitura e escrita é, ou deve ser, uma das maiores preocupações do professor em sala de aula, visto que o aluno apresenta dificuldades diante de situações novas, e é esse “sentir-se incapaz” de ler e/ou escrever que as crianças se sentem e demonstram “incapacidade”, o que acaba marcando a vida escolar da criança por toda a vida, levando o indivíduo a se sentir desmotivado, sem importância para algo ou alguém. No próximo tópico abordará além dos conceitos de dificuldades de aprendizagem, alternativas metodológicas que auxiliarão na prática pedagógica do professor, a fim de minimizar a problemática.

3. ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Sabe-se que a dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita é um tema bastante discutido no cenário educacional brasileiro, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em consequência de um grande número de alunos com baixo desempenho no domínio da leitura e da escrita. Frequentemente, suscita questionamentos; queixas de professores a respeito da temática supracitada, alegando dificuldades no processo de assimilação e aquisição de conhecimentos por parte do educando.

Na maioria das vezes, os alunos que são rotulados que “não aprendem”, acabam sendo taxados de preguiçosos; desinteressados; mimados; “criança anormal”, estereótipos estes que acabam sendo arraigado pela sociedade, o que consequentemente afetará o sujeito com traumas psicológicos para o resto de sua vida pessoal, acadêmica e profissional. Compreendemos, pois, que, na maioria das vezes o professor não tem uma compreensão segura sobre o que é uma dificuldade de aprendizagem e que estas estão relacionados a diversos fatores além do orgânico e o do biológico.

De acordo com alguns estudos psiquiátricos, a luz de Scoz (1994), durante o século XVIII e XIX, o problema de aprendizagem remete-se a uma gama de fatores de ordem

orgânico-biológica, o que não torna fácil o acesso a uma definição clara e abrangente sobre a temática.

Portanto, para Vygotsky as crianças internalizam as operações e as direções verbais através do adulto, utilizando-as para dirigir seu próprio pensamento. De acordo com Leontiev (2005, apud BRITO E RASIA, 2017, p. 36), “o desenvolvimento da criança se dá por meio dos processos de assimilação e apropriação, que ocorrem através das relações práticas e verbais entre as crianças e as pessoas que as rodeiam”. Partindo dessa afirmação do autor, compreendemos que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas às possibilidades que a criança tem de apropriar-se da cultura e da mediação do outro em relação à aprendizagem. Ou advir de questões de ordem biológicas.

Realidade, que lamentavelmente é bastante preocupante, em que os alunos que não acompanham o ritmo de desenvolvimento da aprendizagem, acabam sendo renunciados as margens do processo. Todavia, o “não aprender” em uma criança não significa que esteja sempre ligado a fatores de ordem orgânica ou biológica, mas está atrelado a uma série de fatores intrínsecos à escola, como: didática do professor, relação professor/aluno, formação e capacitação do professor, metodologias adotadas, relação escola/professor/família, entre outros.

Discutindo essa temática, Ciasca (2006), vem a contribuir, afirmando que:

A dificuldade de aprendizagem se dá quando uma criança não aprende por ter problema pedagógico, relacionado a falta de adaptação ao método de ensino, à escola ou que tenha outros problemas de ordem acadêmica. (CIASCA, 2006, p.238)

Em consonância com a autora, conclui-se que para que haja uma efetivação significativa da aprendizagem da criança, faz-se necessário compreender o aluno em sua completude, visando suas reais necessidades, mas, para que ocorra esse procedimento requer uma capacitação por parte do professor, segundo Brito e Rasia (2017. p. 37), compreensão esta clara e segura do processo de aprendizagem.

Caberá ao professor, que é o observador, aquele que acompanha o dia-a-dia da criança, fazer uma sondagem, de ações e reações apresentadas pela criança, identificando as dificuldades de aprendizagem, que posteriormente serão passadas para um especialista do caso em questão. O professor também deverá escolher atividades pedagógicas que desenvolvam as habilidades de leitura e escrita e enfrente as fragilidades das crianças para superar suas dificuldades. Dentre estas atividades destaca-se o lúdico, uma estratégia

pedagógica, bastante eficaz e importantíssima para desenvoltura de habilidades socioafetivas e cognitivas da criança.

Mesmo não tratando nesse trabalho sobre os distúrbios de aprendizagem, decidimos fazer a distinção entre o que seria *Dificuldades de Aprendizagem* e o que seria *Distúrbios de Aprendizagem*, termos excêntricos; divergentes. Portanto, é de suma importância o conhecimento do professor acerca desses termos, por estarem permanentemente presentes no cotidiano escolar do sujeito.

De acordo com Leontiev (2005), vem a contribuir, elencando que o desenvolvimento da criança se dá através de dois processos o de assimilação e apropriação, o que ocorre a partir da relação verbal entre as crianças e com os adultos que as rodeiam, sendo assim o autor destaca, a que as dificuldades de aprendizagem estariam relacionadas:

[...] às possibilidades que esta tem de apropriar-se da cultura e da mediação do outro em relação a aprendizagem desta. Podem advir não de questões biológicas, mas sim de forma homogênea como a escola tem tratado os alunos onde se ignora o sujeito como único e particular têm seu modo e ritmo próprio de aprender. (LEONTIEV, 2005, p. 87)

A partir do que o autor afirmou sobre o que estaria permeando as dificuldades de aprendizagem pode-se constatar que seria o que a criança não consegue aprender por ter um problema pedagógico, relacionado à falta de adaptação ao método de ensino do professor, à escola ou outros fatores que estejam ligados a escola.

Já o *Distúrbio de Aprendizagem*, segundo Ciasca (2006, p. 238), “considero Distúrbio de Aprendizagem como uma disfunção do sistema nervoso central”, ou seja, um problema neurológico relacionado a alguma falha na aquisição e/ou no processamento e armazenamento de informações. Portanto diante do DA, surgem os distúrbios específicos como Dislexia, TDAH, TDA, Disgrafia, entre outros. Daí, acabam generalizando na prática, afirmando que a criança apresenta distúrbio de leitura, escrita e raciocínio matemático; sendo na verdade *Dificuldades de aprendizagem*.

De acordo com pesquisas, como Ciasca (2006), a porcentagem de crianças com Dificuldades de Aprendizagem, no Brasil, chega em torno de 30 a 40% de sujeitos que estão inseridos nos primeiros anos escolares (alfabetização) e o Distúrbio de Aprendizagem em volta de 5 a 7% nas series iniciais também. No entanto, faz-se necessário o entendimento desses termos por parte do professor, para que não haja confusão entre os conceitos, e acabe diagnosticando um aluno de maneira incoerente e precipitada, afinal o diagnóstico será

proferido por um profissional voltado a área como o Psicólogo, Neurologista, entre outros. Conclui-se então que ambos têm significados distintos, um de ordem orgânica e outro de ordem biológica.

Como alternativas metodológicas para suprir as necessidades do aluno, caberá ao professor ir em busca de atividades pedagógicas lúdicas, como: a música, contos, poemas, caça-palavras, rimas, verbetes, filmes, entre outros, despertando o estado de ludicidade do aluno, sua atenção/concentração e interpretação acerca do estudo, além dos jogos e brincadeiras, que as crianças passam a compreender e a utilizar regras empregadas no processo ensino-aprendizagem. É com atividades lúdicas que acontecem as melhores experiências intelectuais e reflexivas, e é a partir disso, não só produz conhecimento. Os jogos são fundamentais para desenvolver diferentes condutas impostas pela escola e pelos professores, também a aprendizagem de diversos tipos de conhecimentos, desenvolvendo a criatividade, interesse, envolvimento, participação e interação do educando.

Além das questões metodológicas, recorda-se outro fator, que também interfere no resultado do processo de aprendizagem da criança com dificuldades de aprendizagem, que é o número excessivo de alunos por sala de aula, conseqüentemente, o rendimento escolar poderá ser reduzido, além de dificultar a ação do professor com os alunos que requer uma ação mais especializada. Diante desta discussão é notória a importância que se dá ao professor, que reflete seu discurso e analisa sua prática, a fim de detectar se ambos estão caminhando juntos e se encontram coerentes, diante da realidade do seu âmbito escolar.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

4.1 Método de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa⁴, de cunho exploratório em um primeiro momento. Buscou-se compreender o professor como pesquisador de sua própria prática, bem como conceitos e especificidades da alfabetização no contexto educacional; além das dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura e da escrita; vertentes as

⁴ A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Não existe um "continuum" (MYNAIO, 1992, p. 06 –07).

quais tornaram a pesquisa mais explícita, procurando aprimorar conhecimentos e descobrir novas ideias.

O estudo baseia-se numa técnica de pesquisa que se utiliza de entrevista estruturada com uma professora do Primeiro Ano da Rede Municipal metodologia de pesquisa da rede municipal de ensino no município de Puxinanã, interior da Paraíba. Após a coleta dos dados, a partir da entrevista estruturada e das observações em sala de aula pela pesquisadora, na qual foi possível compreender a professora no que se refere às dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização.

Assim como também a referida pesquisa se utilizou de cinco perguntas, sendo quatro perguntas subjetivas e uma objetiva, além da observação da prática cotidiana de uma professora da rede municipal de ensino da cidade de Puxinanã - PB, como forma de coletar o maior número de informações possíveis, a fim de atender nossos objetivos.

4.2 Análise dos Resultados

Com base nas respostas da professora constatamos que foram respondidas de acordo com a sua visão de mundo, Percebemos ainda que é necessário haver uma maior compreensão sobre o significado dos termos Dificuldades de Aprendizagem e Distúrbio de Aprendizagem para que o professor possa desenvolver metodologias que proporcionem um melhor desenvolvimento da leitura e da escrita do aluno.

Logo, é notória a necessidade de cursos de formação continuada que abordem essa temática no processo de alfabetização envolvendo a leitura e a escrita, além da necessidade do assunto ser discutido em todo o âmbito escolar, proporcionando assim uma reflexão acerca de como esses alunos que apresentam dificuldades estão sendo orientados.

A seguir, as questões respondidas pela professora considerando a realidade da sua sala de aula, apresentando 42 alunos, sendo 12 com dificuldades de aprendizagem no que tange a leitura e a escrita, no processo de alfabetização:

Pergunta 1: O que você compreende por Alfabetização? Sinta-se a vontade para discorrer sua opinião.

“O termo alfabetização está ligado ao ato de ensinar o código da língua escrita, ou seja, alguém com habilidades leitoras e escritoras seria considerada alfabetizada. Contudo, devemos considerar que a alfabetização necessita ter significado para a criança ou quem está nesse processo, haja vista que as intervenções terão sucesso quando se parte do conhecimento prévio destes, suas experiências e práticas sociais.”

Analisando esta resposta, é possível notarmos o entendimento da professora acerca do conceito de Alfabetização, bem como a importância de se considerar o conhecimento prévio da criança, valorizando suas vivências no meio social ao qual está inserido, para que a partir da realidade do aluno a aquisição da leitura e escrita seja viável para o sujeito em vias de ser alfabetizado. Como afirma Soares (2003, p.11) “a alfabetização deveria ser ensinada de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento.” O que se acredita que seja uma das principais causas da precariedade do domínio da leitura e da escrita pelos sujeitos.

Diante desse pressuposto, não basta à criança aprender os códigos da língua escrita, é preciso orientá-la sistematicamente e progressivamente para que a mesma se aproprie do sistema de escrita, desenvolvendo a criatividade, a sociabilidade e as inteligências múltiplas, a partir das suas experiências e práticas sociais.

Pergunta 2: Qual a sua compreensão acerca das dificuldades de aprendizagem envolvendo leitura e escrita?

“Cada ser é único com suas peculiaridades, não aprendemos algo da mesma maneira. Assim, as dificuldades de aprendizagem surgem ao longo do processo de escolarização. Isso pode se dar por diversos fatores, entre eles: culturais, emocionais e cognitivos. Quando se trata de leitura e escrita deve-se investigar alguns transtornos ou até uma comorbidade (dois sintomas associados) que poderão estar interligados, impedindo que o processo aconteça naturalmente. Dislexia e disgrafia podem em alguns casos comprometer a vida escolar da criança levando-o ao insucesso escolar.”

De acordo com o relato da professora, é notável que a mesma compreende em partes que as dificuldades de aprendizagem surgem durante o processo de escolarização da criança, mas ao mesmo tempo ela não reconhece que Dificuldades de aprendizagem é diferente de Distúrbios de aprendizagem, e acaba emaranhando os conceitos de ambos os termos. Por isso, a necessidade de se ter o conhecimento por parte do profissional, para que saiba como agir diante da situação em que seu aluno apresentar. Além da importância de formações continuadas para esses docentes que atuam há muito tempo no campo educacional, e acabam não atualizando o acervo de conhecimentos, ficando retrogrado enquanto as mudanças que estão constantemente sendo realizadas nas práticas pedagógicas.

Ciasca (2006), afirma que “esses termos são pouco compreendidos pela sociedade e com o passar dos anos cresce demasiadamente o número de indivíduos que são considerados com alguma dificuldade de aprendizagem ou distúrbio de aprendizagem”. Ou seja, o educador deve estar atento e preparado para intervir de forma significativa, que ocorre gradativamente promovendo um espaço prazeroso de aprendizado, se apropriando dos benefícios do lúdico no seu trabalho pedagógico.

Vale ressaltar que, não apenas é de responsabilidade da escola identificar e lidar com estes. Mas é preciso que esse assunto seja discutido em toda conjuntura social, torna-se sim uma questão que precisa ser envolvida a família e profissionais especializados para que com um trabalho em conjunto proporcionem um desenvolvimento integral das crianças, que tornam esses sujeitos alfabetizados.

Pergunta 3: Você participa de Formações Continuadas direcionadas a leitura e escrita? Caso, SIM, explique como acontece e como são desenvolvidas as Formações, as quais se submetem.

“Não”.

Torna-se evidente que uma das principais tarefas do professor é ir em busca de novos conhecimentos, aprimoramentos em diferentes situações de aprendizagem. Mas, a referida professora afirma não participar dessas formações continuadas, o que faz com que o ensino torne-se retrógrado diante de um vasto acervo de novos conhecimentos e propostas

pedagógicas atualizadas, além de dificultar a reflexão crítica da professora sobre sua práxis e cessar uma possível evolução no quadro educacional de sua sala de aula.

Sendo assim, esse discurso da professora, nos leva a refletir o quão necessário e importante seria que ela participasse de formação continuada! Partindo dessa premissa, nos leva a compreensão de que a formação continuada do professor é essencial para um ensino de qualidade, dado que, o bom desempenho do docente reflete no cotidiano da escola, em todos os seus aspectos educacionais. A luz de Nóvoa (1991), a participação em formação continuada, deve-se partir do interesse pessoal do docente, para que possa relacionar teoria e prática constantemente, a partir de suas experiências diárias em sala de aula, e com base nelas buscar aprimoramentos continuamente.

A formação continuada deve alicerçar-se numa reflexão na prática e sobre a prática, através de dinâmicas de investigação-ação e de investigação-formação, valorizando os saberes de que os professores são portadores (NÓVOA, 1991, p. 30).

Deve-se levar em consideração os conhecimentos e experiências cotidianas do professor, mas as vezes o modelo educativo apontado pelo mesmo não condiz com a realidade de sua sala de aula. Portanto, se faz necessário uma formação continuada, que proporcione ao professor uma reflexão crítica sobre o que ele postula em seu discurso, e o que realmente está sendo desenvolvido em sua prática educativa. Portanto, o docente assume um papel de extrema importância, que visa à coletividade, no que tange tornar os seus alunos atores sociais, críticos, reflexivos e autônomos.

Pergunta 4 : Que leituras teóricas você faz para te ajudar nas dificuldades de leitura e de escrita em sala de aula? Cite-as.

“Atualmente estou lendo artigos acadêmicos, mas tive oportunidade de ler livros do acervo da escola que trabalho, tais como: Possibilidades de Aprendizagem (MARTINEZ); O Ensino de Música na Escola Fundamental (LOREIRO); Sistema de Escrita Alfabética (MORAIS) e tenho como livro de cabeceira: Teorias e Práticas em Educação Popular (FREIRE) e Pedagogia do Alfabetizar Letrando (FRANCHI)”.

Ao analisarmos a fala da professora, nota-se que tem uma preocupação acerca de se atualizar com leituras diárias, que abordem temáticas voltadas a sua realidade de sala de aula; na busca constante pelo desenvolvimento integral dos seus alunos, que apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, no decorrer do processo de alfabetização. Mas, também sentimos a necessidade da mesma, elencar rotinas de sua sala de aula e metodologias que ela aplica com esses alunos ditos com dificuldades de leitura e escrita, fazendo referências aos autores por ela citados. Além, de mencionar os resultados dessas leituras e métodos aplicados o que ela aprendeu com esses autores e quais atividades que eles defendem para que sejam desenvolvidas com esses alunos que apresentam defasagem na leitura e escrita na alfabetização.

Pergunta 5: Quais as metodologias por você utilizadas, para alfabetizar seus alunos?

Explícite-os com riqueza de detalhes.

“Cada ano lança-se um novo desafio. Diante de um público novo e diversificado busco fazer um acolhimento, já com diagnóstico da turma, (não para rotular, mas, criar metodologias específicas a fim de melhor nortear o aprendizado). Também nas práticas do dia-a-dia levo músicas do repertório infantil já conhecida e outras para aumentar o vocabulário dos infantis. Acredito no poder da música em sala de aula, pois vejo in loco o quanto é significativa a ação através da musicalização (aproxima, dinamiza, relaxa, promove interação) deixa a aprendizagem leve e prazerosa. Apresento as letras do gênero textual trabalhado (música, conto, parlenda, poema) com leitura deleite, contato com a escrita, textos fatiados, jogos de caça-palavras, confeccionados a partir de sucata, pares de rimas, através dos conhecimentos adquiridos nos gêneros lidos e trabalhados. Outra proposta é a ‘sacolinha viajante’, com a participação da família (ler para os pais em casa) e escrever um trecho da história lida como destaque do que mais gostou”.

Cabe ao professor escolher atividades pedagógicas que desenvolvam as habilidades e enfrente as fragilidades das crianças para alfabetizar seus alunos; dentre estas atividades destaca-se o Lúdico, uma estratégia pedagógica, importantíssima para desenvoltura de habilidades socioafetivas e cognitivas; a autora ainda ressalta que “a ludicidade é uma

necessidade do ser humano em qualquer idade”. Nesse sentido, destacamos a necessidade de que os profissionais da educação estejam capacitados, em conhecimento e habilidades sobre a aquisição da leitura e da escrita, para propiciar um ambiente facilitador onde promova possibilidades de a criança criar, superar os desafios e caminhar com mais segurança.

Baseado nos pressupostos acima, comparando com a resposta dada pela professora no quesito cinco, é perceptível que a mesma usa demasiadas vezes diversas metodologias, a fim de suprir as dificuldades de leitura e escrita dos alunos. E ela usa a Ludicidade ao seu favor e do aprendizado do aluno, dado que, é com atividades lúdicas que acontecem as melhores experiências intelectuais e reflexivas, e é a partir disso, que se produz o conhecimento.

Entre autores que discutem essa proposta pedagógica da ludicidade, destaca-se, Huizinga (2000, p. 05), que no contexto pedagógico, afirma que: “a atividade lúdica está relacionada com o ato de brincar através de jogos e brincadeiras” que tem como finalidade despertar na criança a noção de que aprender também pode ser algo divertido e prazeroso, o que contribui para o desenvolvimento psíquico da criança, principalmente crianças com dificuldades de aprendizagem. Nessa perspectiva, acredita-se que é através do lúdico que facilita toda e qualquer ação humana, seja uma música, um jogo, gêneros textuais diversos, entre outros. O autor destaca, que a ludicidade:

[...] transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamando "instinto" ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamar-lhe "espírito" ou "vontade" seria dizer demasiado. Seja qual for à maneira como o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência (HUIZINGA, 2000, p.05).

Além do que foi destacado, sente-se a necessidade da professora, mais uma vez citar os autores aos quais ela se baseia na elaboração de seus planos de aula, através das metodologias adotadas por ela. Será que as metodologias que ela utiliza em sala de aula, já foi ou são defendidas por algum autor, ao qual ela se dedica as leituras? Freire (1997, p. 46-47) explica que:

A criança faz uso da imaginação, vive e encarna um sem número de relações. Saltar um rio largo, atravessar uma ponte estreita, repartir a comida feita, são atividades que materializam, na prática, a fantasia imaginada, e que retornarão depois da prática em forma de ação interiorizada, produzindo e modificando conceitos, incorporando-se às estruturas de pensamento. Ou seja, no brinqueado simbólico a ação vai e vem incessantemente, da ação ao pensamento, modificando-se

em cada trajeto, até que as representações do indivíduo possam se expressar de forma cada vez mais compreensível no universo social. A prática social não interrompe, contudo, esse jogo de idas e vindas da ação e da representação, pelo contrário, sofisticada cada vez mais as representações que o sujeito faz do mundo (FREIRE, 1997, p. 47).

Portanto, ao planejar atividades lúdicas, é fundamental ter como ponto de partida a realidade, os interesses e as necessidades da criança que faz parte do anos iniciais do Ensino Fundamental. Sendo assim a criança adquire uma relação com o lúdico através de interações sociais, aprendendo a participar ativamente nas atividades propostas, desenvolvendo a afetividade, concentração e habilidades de leitura, escrita e raciocínio lógico.

Através do estudo de campo, foi possível observarmos, algumas metodologias, as quais a professora faz uso delas, tais como: caça-palavras reciclado; auto ditado com fichas recicláveis; caixa surpresa de palavras e frases, como se vê nas figuras abaixo:



Nessas atividades desenvolvidas na sala de aula da professora do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, constatou-se o quanto foi importante esse material (Caça-palavras) para o desenvolvimento de leitura e escrita dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Além de serem bastante lúdicas, as crianças se sentiram entusiasmadas para desenvolver a leitura e escrita através do jogo com tampas, elásticos e sílabas. Portanto, o objetivo desse material pedagógico (Caça-palavras reciclado), é trabalhar a ortografia, além de aumentar o vocabulário da criança, quando a mesma é influenciada a descobrir novas palavras e perceber as diferenças entre a pronúncia e a grafia convencional das palavras.

Outra atividade utilizada pela professora durante suas aulas, foi o *auto-ditado* com fichas recicláveis, cuja atividade se constrói a partir de uma figura ou imagens, de objetos, animais, etc. e a partir da imagem a criança escreve a palavra, fazendo uma associação da

figura a imagem. Portanto, o objetivo dessas atividades era a de fazer com que a criança pense, elabore hipóteses de escrita e aumente o vocabulário, com novas palavras. Além da interação entre professor – aluno e aluno-aluno, trabalhando a coletividade, através da formulação de hipóteses.



Figura 3: Auto-ditado reciclável..

Além das atividades já citadas anteriormente, a professora faz uso da *caixa surpresa de palavras e frases*. É um jogo, bastante atrativo e que desperta a curiosidade e o levantamento de hipóteses nas crianças, além da interação em grupo (alunos e professor), propiciando o desenvolvimento de aspectos socioafetivos e aspectos cognoscitivos.



Figura 4: Caixa surpresa de palavras e frases.

Por conseguinte, constatou-se que a professora trouxe o Lúdico, mesmo não tendo sido o foco desse estudo, mas ela afirmou ser uma proposta educacional para o combate das dificuldades de aprendizagem. Quando questionada, a professora relata em sua fala que as crianças que apresentavam dificuldades, estão em processo de evolução da leitura e escrita,

embora não apresente proposta que possa auxiliar os alunos em suas dificuldades de leitura e escrita.

De acordo com Vygotsky (1998, p. 127) “a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê”, portanto, é a partir da interação e contato com o objeto de conhecimento de forma lúdica que a criança irá desenvolver os aspectos cognitivos, por meio de situações imaginárias e formulação de hipóteses sobre um determinado objeto de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar essas considerações finais, se faz necessário retomar o objetivo geral desse estudo, em que se buscou investigar a compreensão da professora acerca das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização, envolvendo leitura e escrita. Todavia, chegamos a compreensão de que a professora não tem clareza do significado das dificuldades de aprendizagem e chega a confundir, o que seria as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita. Por isso, a nosso ver, a professora pesquisadora precisa sempre estar lendo, estudando, se atualizando e sendo, sim, uma pesquisadora de sua própria prática.

Visto que, inicialmente devemos partir do conhecimento da realidade da criança, levando em consideração que cada aluno possui um tempo de aprendizagem, e que são diferentes, além do tempo, maneiras diferentes de aquisição do conhecimento. Portanto, que saibamos enquanto docentes, acolher esse aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem, estudando-o; analisando o melhor para vida escolar e pessoal desse aluno.

Aproveitamos para trazer Freire, (1996, p. 43) para nos dizer que: "É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática.", portanto, a evolução da *práxis* do professor é fundamental, já que esta *práxis* se torna contínua e essencial na vida pessoal e profissional do mesmo, além de oferecer subsídios ao docente de entender a relação com seus pares, contexto educacional e social.

Portanto, chega-se à conclusão que para minimizar essa problemática em questão faz-se necessário que o professor seja ou se torne um professor reflexivo, no sentido de que possa ser capaz de enxergar o seu ser-fazer pedagógico e fazer uma autocrítica ao mesmo, de maneira construtiva e (re) fazendo e (re) pensando sua *práxis*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariza Riva de; SCHEIDT, Déborah. **O professor-pesquisador: um sonho que pode se tornar realidade**. Revista: X, vol. 1, Curitiba, 2006. (p. 83-95)

BRITO, Lucicleide de. ; RASIA, M. da Guia R. Compreensão do professor de ensino fundamental I acerca das dificuldades de aprendizagem. In:____. **Desenvolvimento humano e educação escolar: enfoques teóricos e práticas educacionais**. João Pessoa: Ideia, 2017. (p.33-48)

CARVALHO, Marlene: **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CAVALCANTE, Juliana Brito de Araújo. **História da Alfabetização no Brasil: do ensino das primeiras letras à psicogênese da língua escrita**.

CIASCA, Sylvia Maria. Distúrbios de aprendizagem e transtornos da atenção: algumas reflexões. In:_. MALUF, Maria Irene. **Aprendizagem: Tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, São Paulo: ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2006.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. **Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente**. Revista Brasileira de Educação, v.21 – n.65. Rio de Janeiro, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque De Holanda. **Mini Aurélio Século Xxi (2001): O Minidicionário Da Língua Portuguesa**. Ed. Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (p.12 43)

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (p. 57-76)

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1997. (p. 46-47).

GARCIA, Regina Leite. **A Formação da Professora Alfabetizadora**. Reflexões sobre a Prática. Cortez, Editora, São Paulo – SP: 2015.

HUIZINGA, Johan. **Filosofia: Homo Ludens**. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2000.

LEONTIEV, A. N. Os princípios do desenvolvimento mental e problema do atraso mental. In:_. LEONTIEV, Alex, et al. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2005. (p. 87-105)

MALUF, Maria Irene. Distúrbios de aprendizagem e transtornos de atenção: algumas reflexões. In:_. **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo – ABPp: Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2006. (p. 236-238).

MARQUES, Silvio Cesar Moral; MELO, Eliane Pimentel Camilo Barra Nova de. **História da Alfabetização no Brasil: novos termos e velhas práticas**. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/5137>>. Acesso em: 13. nov. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Ronei Ximenes; RAMOS, Rosana. **Metodologia de pesquisa: guia de estudos**.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MOTA, Allan Kardec Alves da. et al. **O professor pesquisador e a sua prática docente. Um estudo de revisão bibliográfica**. EFDeportes.com, Revista Digital - Buenos Aires, 2012.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In:_. **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

NÓVOA, Antônio. Et al. **Vida de Professores**. 2º Ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

RAUSCH, Rita Buzzi. **Professor-pesquisador: concepções e práticas de mestres que atuam na educação básica**. Revista Diálogo Educacional. v.12, n.37. Curitiba, 2012. (p. 701-717)

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Dificuldades de aprendizagem ou dificuldades escolares? Um estudo sobre a visão dos professores**. Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, 2009.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte, Interlivros, 1971.

SANTOS, L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In:_. ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2004. (p. 11-25).

SILVA, Joângela Sousa da. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: reflexão a partir da teoria da aprendizagem de Vygotsky**. InterEspaço: Grajaú/MA, v. 3, n. 11, dez. 2017. (p. 168-186)

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26º Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

_____. **Alfabetização e letramento**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

STOLTZ, T. **As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar**. Editora: Intersaberes. 2012. (p. 43)

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (p. 127)

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. Um novo olhar sobre a aprendizagem. In: _____. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. Editora Ática – SP, 2002. (p.19-38).

APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO/PESQUISA**Nome:** _____**Idade:** _____**Tempo de Ensino:** _____

1. O que você compreende por Alfabetização? Sinta-se a vontade para discorrer sua opinião.

2. Qual a sua compreensão acerca das dificuldades de aprendizagem envolvendo leitura e escrita?

3. Você Participa de Formações Continuidas direcionadas a leitura e escrita?

Sim ()

Não ()

Caso, SIM, explique como acontece e como são desenvolvidas as formações, as quais você se submete.

4. Que leituras teóricas você faz para te ajudar nas dificuldades de leitura e de escrita em sala de aula? Cite-as.

5. Quais as metodologias por você utilizadas, para alfabetizar seus alunos? Explícite-as com riqueza de detalhes.

AGRADECIMENTOS

Ó **Deus**, contigo compartilho a alegria desta maravilhosa conquista, pois foi através da tua força e do teu poder que eu consegui esta recompensa tão importante para mim. É um momento de muita emoção e meu coração está carregado de gratidão.

Dedico este trabalho em primeiro lugar a ti, que meu deus saúde e forças para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação. Com a tua soberana presença ao meu lado, eu consigo perceber que não existe nada impossível nessa vida, com a tua presença. Portanto, te agradeço meu Deus, por tudo que conquistei até o presente momento, mas te peço para me dar sabedoria e discernimento para conquistar o futuro que virá.

Agradeço a toda minha família, principalmente aos meus **Pais**, por ter acompanhado toda minha trajetória acadêmica e acreditado no meu potencial; apesar de todas as dificuldades, me ajudaram na realização desse sonho, e hoje dedico a vocês essa conquista, com toda dedicação, carinho e amor.

Agradeço também a meu **Noivo, Luís Gustavo** por tamanha compreensão e apoio em toda jornada do curso, além de me instigar a sempre buscar novos conhecimentos e vencer, de certa forma, as barreiras que surgem durante o processo, para que se chegue ao sucesso. Obrigada por tudo.

É chegado ao fim, um ciclo de muitas risadas, choro, felicidade e frustrações. Sendo assim, dedico este trabalho a todos que fizeram parte desta etapa da minha vida, direta ou indiretamente. Agradeço aos meus mestres, principalmente a minha orientadora Maria do Socorro Moura Montenegro por todo o ensinamento e todo apoio e paciência ao longo da elaboração do meu projeto final. Também gostaria de deixar um agradecimento especial a todos os meus amigos que me apoiaram nos momentos mais difíceis, principalmente **Isabelle Oliveira e Luanna Raquel**, por tamanha dedicação e afetividade.

A minha orientadora **Profa. Dra. Socorro Moura Montenegro** pela orientação segura e disponibilidade para me orientar.

Obrigada á todos!